

# Os Grupos de Trabalho na América Latina: minha experiência pessoal e breves reflexões sobre suas possibilidades na América Latina

José Carlos Calich<sup>1</sup>

**Resumo:** O autor, a pedido dos editores da *Revista Brasileira de Psicanálise*, relata suas experiências pessoais com os Grupos de Trabalho (GT – *Working Parties*) que, criados na Federação Europeia de Psicanálise (FEP) como proposta para avanços na metodologia de investigação em psicanálise, com base eminentemente clínica, estão agora sendo implementados na América Latina, atraindo a atenção de um grande número de colegas. Apresenta também algumas reflexões sobre a contextualização desses grupos na realidade latino-americana e sobre suas possíveis aplicações em outras áreas da prática e da formação psicanalítica.

**Palavras-chave:** investigação em psicanálise; Grupos de Trabalho; formação psicanalítica; educação psicanalítica

## Breve relato de minha experiência pessoal com os Grupos de Trabalho

Meu interesse pela construção das teorias psicanalíticas, por suas dificuldades de comunicação e pelas condições de sua aplicação clínica (Calich, 2003, 2005, 2007) fizeram-me acompanhar com interesse o desenvolvimento dos Grupos de Trabalho da Federação Europeia (FEP), desde aproximadamente 2003. Em 2007, fui convidado por Helmuth Hinz – com quem coeditei o livro *The Unconscious: further developments* publicado pela IPA – a apresentar, em Berlim, material clínico para um *Workshop* do Grupo de Trabalho da Federação Europeia de Psicanálise (FEP) sobre Métodos Clínicos Comparados (CCM).

O novo desafio despertava curiosidade e certa estranheza: como seria possível discutir um caso durante dois dias inteiros, com analistas experientes sem que isso se constituísse em uma supervisão, como me fora dito? Apesar de ter lido sobre o método, não estava claro para mim como aquilo se daria na prática. Segui as instruções que me foram dadas e preparei uma semana de sessões, de um paciente que estava em análise há quatro anos com uma frequência de quatro sessões por semana. Haviam-me solicitado que as sessões fossem de uma semana não excepcional no processo e que o relato fosse o mais detalhado possível. Eu sabia que nem todas as sessões seriam estudadas.

O Grupo de Trabalho era constituído por 12 analistas experientes, de diferentes países europeus, coordenados por Antonino Ferro. Os dois dias, quatro turnos de quatro horas cada, debruçados no estudo do caso e, principalmente, de minhas intervenções e interpretações, me fizeram pensar sobre aquele caso e sobre minha forma de trabalhar, como jamais havia pensado antes. A essência do método era a intensa discussão de como os analistas presentes concebiam meu modelo de trabalho, de forma descritiva, não se limitando à aplicação de conceitos utilizados pelos diferentes referenciais teóricos psicanalíticos. Pro-

1 Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre SPPA.

curar descrever de forma detalhada e bastante debatida o que eu compreendia como sendo o sofrimento do paciente e como relacionava seu sofrimento com sua estrutura psíquica, o que orientava minha escolha do material a ser interpretado, qual a natureza e a motivação de minhas interpretações e qual o modelo de processo analítico e de mudança psíquica que deveria estar em minha mente. Em diversos momentos, questões contratransferenciais foram trazidas, conjecturadas e questionadas, sempre com muito respeito e mesmo delicadeza (o que combinava também com o estilo do grupo e seu coordenador).

A ideia de não nominar conceitos ou simplesmente procurar encontrar categorias conhecidas para os movimentos da sessão era incentivada intensamente pelo debate de minhas interpretações, utilizando como referencial uma grade de possibilidades interpretativas mais como abertura da discussão do que como novo limitador categórico para a compreensão das mesmas.

Ao final, o cansaço do intenso trabalho foi largamente superado pela qualidade transformadora da experiência, sobre a qual costumo repetir que foi a mais rica atividade clínica de que havia participado até então. Tive a sensação de ter meu número de perguntas internas sobre minha forma de trabalhar aumentada, por meio de caminhos que se mostravam diferentes daqueles das diversas e qualificadas supervisões individuais que já havia experimentado.

Saí de lá com o forte desejo de poder estender aquele tipo de trabalho e vivência para nossa realidade e proximidade. Particpei de vários outros encontros do CCM e de reuniões de moderadores e de avaliação dos *workshops*. Coordenei alguns grupos utilizando o método dos dois passos desenvolvido pelo grupo da Federação Europeia coordenado, então, por David Tuckett e também de um grupo em Buenos Aires (sobre Teorias Clínicas) utilizando um método desenvolvido por Samuel Zysman e outros colegas da APdeBA, que procura integrar o método dos dois passos com aquele desenvolvido por Jorge Canestri e exposto em artigo nesta revista. Particpei do Fórum Clínico coordenado por Haydée Faimberg, em Porto Alegre, e tive a mesma impressão de riqueza e intensidade. Apesar de pretender, ainda não tive a oportunidade de participar dos outros Grupos de Trabalho que agora se iniciam na América Latina, mas particpei de debates com seus coordenadores como o recentemente ocorrido em Montevideu, realizado no Congresso da Associação Psicanalítica do Uruguai (agosto, 2010) e é bastante chamativo o entusiasmo de todos os que participam e a ênfase no potencial produtivo da experiência com as diferentes metodologias.

### Os Grupos de Trabalho e a América Latina

Quais imagino serem as utilidades e dificuldades dos GTs, além de seus objetivos precípuos, ligados às suas áreas nucleares de investigação?

Como exposto por Canestri e Tuckett nos artigos anteriores, a proposta dos Grupos de Trabalho é, já em sua concepção, a de expandir nossas bases teóricas a partir da clínica. Talvez fosse possível resumir seus objetivos dizendo que, parcialmente ultrapassadas, as barreiras idiomáticas e as diferenças conceituais por meio das diferentes metodologias, a meta seria conhecer como realmente trabalhamos e a partir de então investigar aspectos específicos do trabalho analítico focados por cada um dos Grupos.

Este trabalho conjunto, além de aproximar pessoas, ampliar o diálogo e o intercâmbio, torna possível refletir de modo sistemático sobre as características da psicanálise como

praticada na América Latina. O estudo detalhado dos casos e a necessidade de compreender a “linguagem” e a inserção cultural dos colegas de diferentes regiões, a meu ver nos integra e nos propicia um conhecimento mútuo inovador. Isto nos é facilitado por não termos uma barreira idiomática tão grande quanto a Europa, onde os GTs foram criados. Porém, as grandes distâncias e os custos de deslocamentos são um inquestionável obstáculo. Os encontros de discussão clínica ocorrem habitualmente nos períodos anteriores aos congressos, muitas vezes prévios a outras atividades pré-congressos, exigindo que o deslocamento aos locais de nossas reuniões seja feito com dias de antecedência com custos individuais significativos. Além destes, as reuniões posteriores aos grupos de discussão clínica, os Grupos de Trabalho propriamente ditos, que reúnem colegas de diferentes latitudes e longitudes, necessitam acontecer fora dos períodos pré-congresso o que, novamente, gera custos elevados e deverá ter, na medida de seu crescimento, política específica de nossas associações maiores (FEPAL e IPA), ainda não bem estabelecida. A possibilidade de “reuniões virtuais”, utilizando as novas tecnologias disponíveis, poderá viabilizar o trabalho de longo prazo, diminuindo, mas não abolindo a necessidade de encontros pessoais.

O interesse despertado e a disponibilidade em participar – mais de 100 colegas compareceram às discussões clínicas dos GTs nos dias que antecederam o Congresso da FEPAL, em Bogotá (setembro de 2010), o primeiro a reunir todos os GTs já organizados na América Latina –, indica o espaço potencial destas atividades em nosso meio. Como já afirmado, a imersão prolongada em discussão clínica com metodologia que permite seu aprofundamento de forma significativamente além da habitual, e a abertura de novos vieses de observação propiciados pelos diferentes caminhos de investigação, torna a experiência muito atraente.

Além do já exposto, algumas “aplicações” da vivência da discussão clínica dos GTs têm grande possibilidade de aproveitamento em outros momentos de nossas atividades, marcadamente na supervisão de casos e no processo de formação de novos psicanalistas. A ênfase na observação da situação clínica centrada na mente do analista, na conjectura sobre seu modelo implícito que orienta desde a escolha do material, a formulação das intervenções, a construção da situação analítica, o que há de específico nessa construção ou a exploração aprofundada da origem dos “mal-entendidos” que surgem na comunicação entre analistas baseados em diferentes construções teóricas subjacentes, permitem um novo ângulo de percepção do que se passa entre analista e paciente. Possibilita, por exemplo, que mais do que avaliar a adequação ou inadequação de uma intervenção de um supervisionado a seu paciente ou apresentar um caminho de como a intervenção deva ser formulada, crie a oportunidade de se conhecer a construção implícita que conduz àquele tipo de formulação e seus próprios caminhos de estabelecimento da situação analisante. A analistas em formação oferece modelos para refletir sobre suas próprias elaborações e progressivas integrações entre os diferentes modelos teóricos, tornando possível a compreensão de seus próprios mal-entendidos.

Para finalizar, penso ser importante abordar minha visão sobre a multiplicidade dos GTs e suas diferenças. Ainda que todos partam do estudo da relação analítica “em situação” e que tenham vários pontos metodológicos comuns, têm também importantes diferenças na aplicação de sua metodologia, objetivos, tempo de construção e experimentação de seus métodos, habilidade e experiência de seus moderadores, possibilidades de trabalho contínuo e obtenção de resultados. Como muitas outras situações em psicanálise e na vida, somente o conhecimento particularizado dos métodos e objetivos, e a vivência individual

destas experiências poderá trazer a cada um aquele com quem mais se identifica, aproveita e encontra utilidade.

***Los Grupo de Trabajo en América Latina:***

***mi experiencia personal y breves reflexiones sobre sus posibilidades en América Latina***

**Resumen:** El autor, por solicitud de los editores de la RBP, narra sus experiencias personales con los Grupo de Trabajo (GT – Working Parties), creados en la Federación Europea de Psicoanálisis (FEP), como propuesta para avances en la metodología de investigación en psicoanálisis, con base eminentemente clínica, que están siendo implementados en América Latina, llamando la atención de un buen número de colegas. También presenta algunas reflexiones sobre la contextualización de estos grupos en la realidad de América Latina y sobre sus posibles aplicaciones en diferentes áreas de la formación y la práctica psicoanalíticas.

**Palabras clave:** Investigación en Psicoanálisis; Grupo de Trabajo; formación psicoanalítica; educación psicoanalítica.

***Working Parties in Latin America:***

***my personal experience and brief thoughts on their possibilities in Latin America***

**Abstract:** The author, upon a request from RBP editors, narrates his personal experience with the Working Parties which, created in the European Psychoanalysis Federation (FEP) as a proposal for the advancement of the methodology of psychoanalytical investigation, with an eminent clinical basis, are now being implemented in Latin-America, catching the attention of a good number of colleagues. He also presents some reflections on the contextualization of these groups in Latin-American reality and on their possible applications in different areas of psychoanalytic training and practice.

**Keywords:** Investigation on Psychoanalysis; Working Parties; psychoanalytic training; psychoanalytic education.

**Referências**

- Calich, J. C. (2003). Editorial. *Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 10 (3), 391-402.
- Calich, J. C. (2005). Modelos psicanalíticos da mente. In C. L. Eizirik et al (Org.), *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Calich, J. C. (2007). Prologue. In J. C. Calich; H. Hinz (Orgs.), *The Unconscious: Further Reflections*. International Psychoanalytic Association.

[Recebido em 30.8.2010, aceito em 30.9.2010]

José Carlos Calich

[Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre SPPA]

90510-000 Porto Alegre, RS

Rua 24 de Outubro, 838/603

Tel: 51 3395-4554

jccalich@via-rs.net